

Ensino de História e consciência histórica latino-americana

History teaching and Latin American historical consciousness

Juliana Pirola da Conceição*
Maria de Fátima Sabino Dias**

RESUMO

O artigo resulta de pesquisa desenvolvida sobre a contribuição dos conteúdos latino-americanos na grade curricular de ensino para a formação histórica dos jovens na escola. A pesquisa consistiu na análise das narrativas históricas produzidas pelos 67 alunos que frequentaram a disciplina de Estudos Latino-americanos (ELA) da 7ª série do Colégio de Aplicação (CA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2009. O objetivo era investigar a influência dessa disciplina na construção de saberes históricos sobre a América Latina e que relações ela estabelece com a formação da consciência histórica dos jovens.

Palavras-chave: ensino de História; consciência histórica; América Latina.

ABSTRACT

This article arose out of research on the contribution of Latin American contents to the history curriculum of young people in school. The research consisted of the analysis of historical narratives produced by 67 students who took the discipline Latin American Studies (ELA) in the seventh grade of the *Aplicação* School (CA) attached to the Federal University of Santa Catarina (UFSC) in 2009. The objective was to investigate what the influence of this discipline was in the construction of historical knowledge about Latin America and what relations it established with the formation of young people's historical consciousness.

Keywords: History teaching; historical consciousness; Latin America.

O sentimento de pertencer a um lugar, a um grupo no qual desempenhamos um papel social, ao qual estamos emocional e afetivamente ligados e com o qual nos identificamos, é muito importante para o ser humano e para sua formação como sujeito histórico. Vivemos um momento de conformação e

* Mestre em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). jupirola@yahoo.com.br

** Doutora em Educação (Unicamp). Professora Associada, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Campus Universitário Trindade. Centro de Ciências da Educação. Departamento de Metodologia de Ensino. 88010-900 Florianópolis – SC – Brasil. mfsabino@ced.ufsc.br

consolidação de blocos regionais na América Latina, e nesse contexto, a escola, e em especial o ensino de História, desempenham um papel fundamental como espaço privilegiado na difusão e consolidação de ideias, imagens e saberes associados à educação política, os quais podem contribuir para a formação de identidades, em particular uma identidade latino-americana.

Sabe-se que a instituição escolar estruturou tradicionalmente o ensino de História com base na matriz nacionalista do século XIX, cujo objetivo era formar ‘brasileiros’, ‘argentinos’ ou ‘chilenos’ para a nova sociedade nacional que estava forjando os Estados modernos. Apesar de todas as mudanças sofridas pela disciplina ao longo do tempo, o ensino de História permanece como o espaço no qual as sociedades disputam as memórias possíveis sobre si mesmas e projetam futuros coletivos. Por isso, continua um grande desafio para a educação, e para o ensino de História em particular, o encaminhamento de propostas que minimizem o isolamento cultural entre as nações latino-americanas. O maior de todos os desafios é a superação do desconhecimento dos países entre si na América Latina – desconhecimento esse que leva a distorções nas histórias nacionais e a preconceitos e estereótipos que resultam numa forma de isolamento, fazendo que a realidade latino-americana seja ignorada pela visão nacionalista da história dos países.

Na proposta de superar esses desafios, o Colégio de Aplicação (CA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) oferece aos seus alunos uma disciplina de História para tratar especificamente dessa temática, a disciplina de Estudos Latino-Americanos (ELA), implementada em 2003 por iniciativa dos próprios professores com a proposta de estimular o rompimento dos estereótipos e preconceitos existentes a respeito de ‘si’ e do ‘outro’ latino-americano. Coube, então, investigar a influência dessa disciplina na construção de saberes históricos sobre a América Latina e as relações que ela estabelece com a formação da consciência histórica dos jovens.¹

A referência para o conceito de ‘consciência histórica’ é tomada das considerações de Jörn Rüsen em *El desarrollo de la competencia narrativa em el aprendizaje histórico*² e em *Razão histórica: teoria da história – os fundamentos da ciência histórica*.³ Segundo o autor, a consciência histórica funciona como um modo específico de orientação temporal em situações reais da vida presente, tendo como função ajudar a compreender a realidade passada para agir no presente. Para Rüsen (1992, p.30), isso implica que a referência para o tempo futuro está contida na interpretação histórica do presente, já que é essa interpretação que deve guiar a ação. Em uma perspectiva latino-americana,

isso significa a capacidade de utilizar a História da América Latina para analisar uma situação presente e determinar um curso de ação.

A temática da consciência histórica entre os jovens tem sido a preocupação de alguns grupos de pesquisas, tanto nacionais como internacionais.⁴ Os resultados dessas pesquisas têm estimulado o diálogo entre os grupos e aprofundado o debate teórico-metodológico em torno dos princípios epistemológicos desse campo de conhecimento no âmbito do contexto escolar e fora dele. No entanto, observa-se que ainda existem muitas lacunas a serem preenchidas, sobretudo no que se refere à relação entre consciência histórica e identidade latino-americana.

Com o objetivo de compreender a contribuição dos conteúdos latino-americanos na grade curricular de ensino para a formação histórica dos jovens, tendo em vista que esses saberes são fundamentais na construção identitária desses sujeitos no mundo atual, foram analisadas as narrativas históricas produzidas pelos alunos da 7ª série do CA que frequentaram a disciplina de ELA em 2009. Privilegiou-se a análise do conteúdo das narrativas a partir da constituição de sentido que, segundo Rüsen (2001, p.155), opera-se em quatro eixos:

- a) percepção de mudança no tempo;
- b) interpretação do passado;
- c) orientação da vida prática pela experiência do passado;
- d) motivação do agir que resulta dessa orientação.

Acredita-se que o entendimento do *sentido* dado ao ensino da história da América Latina é fundamental para a compreensão da relação entre ensino de História e consciência histórica latino-americana e para compreensão dos processos de aprendizagem histórica desencadeados pela inclusão de uma disciplina específica sobre a história da América Latina na grade curricular obrigatória de ensino.

A pesquisa integra um projeto catarinense intitulado “A Escola e os jovens no mundo contemporâneo: processos de formação histórica latino-americana”, coordenado pela professora doutora Maria de Fátima Sabino Dias (UFSC),⁵ com o intuito de observar a quais processos formativos os jovens e as crianças estão submetidos na atualidade, quais saberes históricos são privilegiados nessa formação e quais recursos são mobilizados no processo de formação de uma consciência histórica no contexto latino-americano.

No total, 67 jovens participaram da pesquisa. Para a caracterização dessa

amostra foi aplicado um questionário do tipo *survey* com o objetivo de identificar o perfil sócio-econômico-cultural dos alunos da 7ª série do CA em 2009, seu consumo de mídias e a interferência da disciplina de ELA no aprendizado da história da América Latina. O questionário era de autoperenchimento e não identificado, composto por 42 questões de múltipla escolha semiabertas. Ele foi validado pelos quatro professores doutores que compõem o projeto “A Escola e os jovens...” e testado com cinco jovens da mesma faixa etária da amostra selecionada. Os dados obtidos através do *survey* foram tabulados e analisados com o auxílio do *software* SPSS 17.0 (Statistical Package for the Social Sciences).

Em seguida, foi proposta a realização de uma tarefa individual e por escrito que estimulasse a imaginação histórica dos jovens envolvidos na pesquisa para a produção de narrativas que inter-relacionem o passado, o presente e o futuro da América Latina. O conteúdo das narrativas, concebidas como manifestações da consciência histórica, foi analisado com base na adesão à proposta da atividade (relacionar passado, presente e futuro da América Latina); das questões de significância, ou seja, os elementos mais frequentes nas narrativas; das perspectivas de futuro e dos quatro eixos constituintes de sentido narrativo elaborados por Jörn Rüsen (2001, p.155), a saber: a percepção, a interpretação, a orientação e a motivação, que juntos articulam a orientação para a vida prática nas tomadas de decisão em face dos problemas da sociedade no presente.

A aplicação dos dois instrumentos (*survey* e tarefa escrita) ocorreu durante as aulas da disciplina de ELA, em situação previamente negociada com a professora da disciplina. Os resultados detalhados da pesquisa foram apresentados em junho de 2010 ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC, sob a forma de dissertação de Mestrado.⁶

OS CAMINHOS DO ENSINO DE HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA NO BRASIL

Estudos realizados mostraram que o Colégio de Aplicação da UFSC é a única escola do Brasil a ter Estudos Latino-Americanos (ELA) como disciplina autônoma na grade curricular obrigatória do Ensino Fundamental e Médio. Contudo, isso não significa que seu conteúdo seja algo novo nos currículos educacionais do Brasil.

Em estudo intitulado “A invenção da América na cultura escolar no Bra-

sil”, Maria de Fátima Sabino Dias⁷ analisa a origem e a constituição da disciplina de História da América no Brasil, em meados do século XX. Segundo esse estudo, a disciplina de História foi introduzida no Colégio Dom Pedro II, em 1838 e em 1856, proposta pelo frei Camilo de Monserrate, o qual declarava que o ensino da história nacional não poderia ser completo sem que fosse paralelo ao estudo das outras nações americanas, e que vários problemas existentes no Brasil só seriam resolvidos com os recursos dos dados fornecidos pela história dos outros países do Novo Mundo. Porém, a história da América estava presente apenas nos últimos três itens na lista de conteúdos, e raramente havia tempo para que fosse trabalhada até o final de um ano letivo.

Somente no início do século XX as reformas educacionais buscaram introduzir nos currículos os conteúdos de História da América nas escolas brasileiras. Em 1931, a História da América foi incluída no currículo oficial de ensino secundário com a Reforma Francisco de Campos. Mas a reforma vigorou somente até 1942, quando foi substituída pela Reforma Gustavo Capanema, que introduziu História do Brasil como disciplina autônoma e reduziu o pouco espaço consagrado à História da América.

De acordo com Dias (1997), a afirmação do regime republicano no Brasil levou alguns intelectuais brasileiros que discordavam das abordagens históricas até então hegemônicas a buscarem introduzir os conteúdos de História da América nas escolas brasileiras. Para Manuel Bomfim, diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, essa disciplina deveria ser ministrada no curso de formação de professores primários, devendo, posteriormente, ser estendida para as escolas elementares. Para concretizar tal finalidade, Bomfim propôs um concurso em que a obra didática premiada foi o *Compêndio de História da América*, de José Francisco Rocha Pombo, cuja primeira edição surgiu em 1899. Dias (1997) afirma que a sua visão humanitária contrapunha-se às obras didáticas permeadas pela difusão da superioridade racial dos brancos. Todavia, tal abordagem não predominou nas escolas brasileiras, e esse livro didático teve pouca aceitação.

Dias (1997) também comenta que, em meados do século XX, a aproximação cultural dos Estados Unidos com a América Latina na área educacional fez parte dos princípios do pan-americanismo e estava entre os critérios definidos pelo sistema interamericano que, naquela época, representou a capacidade de adequação da América Latina às diretrizes formuladas pelos Estados Unidos, as quais incluíam seu papel de liderança no mundo capitalista. Um exemplo dessa influência foi o Plano de Ação Cultural Interamericano proposto pela Organização dos Estados Americanos (OEA), que ofereceu alguns parâmetros

para se pensar as noções de América e de Educação Secundária propostas para o continente americano pelo pan-americanismo.

Segundo o Plano Cultural (citado em DIAS, 1997), um dos grandes problemas da América Latina é o isolamento e o desconhecimento entre as nações latino-americanas. Portanto, um método de ação cultural deveria combater o ‘isolacionismo’, propondo um maior conhecimento entre os povos americanos através de uma intercomunicação mais efetiva entre as nações e os conjuntos de cultura. Nesse sentido, o Plano Cultural destaca a importância de implementar, no ensino secundário dos países americanos, estudos de História e de Cultura Interamericana, com o objetivo de “romper as barreiras internacionais”.

Nessa perspectiva, em 1951, a portaria nº 724 aprovou um programa de História que contemplava a História da América na segunda série ginásial, propiciando o seu aparecimento como disciplina autônoma. No entanto, no final da década de 1950 e no início da seguinte essa disciplina desapareceu novamente dos currículos. Durante esse período, muitos intelectuais brasileiros elaboraram uma crítica à dominação norte-americana, motivados pelo fortalecimento do nacionalismo anti-imperialista, pela revolução cubana e pela teoria da dependência. Muitos desses intelectuais, docentes de diversos níveis de ensino, fizeram de suas salas de aula um ‘centro de ação’, um ‘terreno de resistência’ contra um currículo de História que enaltecisse os valores norte-americanos e menosprezasse a cultura e o povo latino-americanos.

Segundo Dias (1997), durante a ditadura militar no Brasil, o tema América Latina foi praticamente abolido dos programas de História, disciplina que cedeu lugar aos Estudos Sociais. Somente no final da década de 1970 é que se reintroduziram os estudos sobre a América nos programas oficiais do ensino médio das escolas paulistas, com ênfase na história latino-americana. O programa enfatizava os aspectos econômicos e situava o tema da dependência dos países latino-americanos. De acordo com Circe Maria Fernandes Bittencourt,⁸ tratava-se de entender a inserção do Brasil no sistema capitalista e seu alinhamento aos países ‘subdesenvolvidos’.

Mais recentemente, novas perspectivas têm sido introduzidas no ensino da História da América Latina. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de História para as 5ª e 8ª séries do Ensino Fundamental encontram-se várias sugestões de temas de história da América Latina, dentre elas: “Relações entre a sociedade, a cultura e a natureza na História dos povos americanos na Antiguidade e entre seus descendentes hoje”; “Relações de trabalho em diferentes momentos da História dos povos americanos”, “Processos de constituição dos Estados Nacionais na América, confrontos, lutas, guerras, revoluções”.⁹

Sobre esse aspecto, Bittencourt (2005) afirma existir uma tendência nos manuais didáticos em apresentar ‘uma história integrada’ sem as tradicionais divisões de História Geral, História do Brasil e História da América, em um esforço de constituir um tempo sincrônico que identifique as relações históricas de sociedades situadas em espaços diversos. Contudo, essa perspectiva coloca novos problemas para o ensino de História, notadamente no que se refere à definição de conteúdos que favoreçam a construção de um sentimento de pertencimento do Brasil na América Latina.

A DISCIPLINA DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS (ELA)

A disciplina de ELA foi implementada na grade curricular obrigatória do CA em 2003, substituindo à disciplina de OSPB (Organização Social e Política do Brasil). Inicialmente ela integrava a grade curricular da 7ª série do Ensino Fundamental e o 3º ano do Ensino Médio, contando com uma carga horária anual de 75 aulas em cada uma dessas séries. Em 2008, ela foi substituída por Sociologia nos 3ºs anos e passou a integrar a grade do 1º ano do Ensino Médio, permanecendo na 7ª série.

A proposta de inclusão da disciplina é de autoria das professoras Ivonete da Silva Souza e Marise da Silveira Veríssimo, tendo como consultoras as professoras Maria Sílvia Cristofoli e Maria de Fátima Sabino Dias. Seu propósito é estimular o rompimento dos estereótipos e preconceitos existentes a respeito de ‘si’ e do ‘outro’ latino-americano.¹⁰

A disciplina de ELA está alocada no currículo de História do CA, havendo flexibilidade para que ela seja trabalhada de forma interdisciplinar pelas demais disciplinas das ciências humanas. Entre os seus objetivos estão: propiciar a reflexão sobre as questões históricas, sociais e culturais da América numa perspectiva que problematize questões ligadas às identidades locais, nacionais e continentais, que discuta como essas questões se articularam aos diversos projetos políticos, as vicissitudes econômicas e as perspectivas históricas desses povos; possibilitar o autoconhecimento étnico-político a partir da problematização de questões recorrentes e inéditas na América Latina; propiciar o contato entre cidadãos brasileiros, argentinos e outros, numa perspectiva de alteridade e solidariedade, e divulgar a história dos povos americanos, numa perspectiva comparativa, fazendo emergir o conhecimento significativo sobre as sociedades do continente, contrapondo-se a estereótipos e preconceitos.

Atualmente, o currículo de ELA para a 7ª série tem como foco os estudos comparativos a respeito dos processos históricos e políticos, e questões sociais

e culturais dos seus países. O objetivo geral é desenvolver reflexões a respeito das diferenças e semelhanças presentes entre os povos que fazem parte das nações latino-americanas, atendendo, simultaneamente, a objetivos que compartilhem mecanismos de integração, identidade e alteridade com a finalidade de fomentar noções de respeito cultural e solidariedade continental. Nesse sentido, o conteúdo programático para a 7ª série abrange o período ‘pré-colombiano’ e colonial na América Latina, tendo como eixo a história das relações sociais, cultura e trabalho. A ideia é começar pela situação atual da América Latina e depois seguir com o programa normal, estimulando os alunos a observarem as mudanças, as permanências e as simultaneidades.

Os conteúdos a serem trabalhados são distribuídos em uma só unidade – “História das relações sociais, cultura e trabalho” – que contém cinco linhas temáticas, a saber: 1) Noções de tempo, diferença/semelhança, permanência/mudança; a ocupação da América por sociedades pré-colombianas; diferentes formas de vida; 2) A terra e as comunidades indígenas na América, mitos e ritos e relações sociais de poder; 3) Diferenças no uso/apropriação dos modos de vida na organização dos sistemas produtivos coloniais; desorganização das comunidades indígenas/formas de mercantilização da terra; diversificação na organização do trabalho e nas relações com a terra; 4) Rebeliões e resistências no processo de desapropriação da terra e da força de trabalho; 5) Mudanças e permanências no processo de construção dos Estados Independentes da América – as identidades nacionais.

O objetivo desses conteúdos é oferecer aos alunos a possibilidade de conhecer e identificar características culturais e históricas de sociedades pré e pós-colombianas, respeitando e reconhecendo as contribuições das sociedades indígenas para o conhecimento e o acúmulo da experiência cultural e humana; desenvolver a observação, o reconhecimento e a memória visual a respeito do patrimônio cultural das sociedades ameríndias; identificar as semelhanças e diferenças existentes nas culturas e sociedades latino-americanas, no sentido de acessar uma perspectiva crítica e respeitosa ante a diversidade histórica dos povos do continente; e comparar os processos de ocupação territorial e colonial das sociedades latino-americanas.

OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os dados obtidos com o *survey* mostraram que, em geral, os alunos da 7ª série do CA da UFSC em 2009 possuem um nível socioeconômico considerado alto em relação ao restante da população brasileira.¹¹ Seus pais possuem um

alto padrão de escolaridade, e boa parte deles trabalha no funcionalismo público. No entanto, como a forma de entrada desses alunos no CA é por sorteio, é possível afirmar que esses jovens fazem parte de uma amostra ainda maior com um perfil semelhante a esse.

Em relação ao acesso à informação e ao consumo de mídias, o *survey* mostrou que todos os 67 alunos têm acesso à internet e a utilizam como meio de comunicação e informação. Além disso, o consumo de filmes, de programas televisivos e de livros de literatura também é muito alto.

A principal ocupação desses jovens é a música, em primeiro lugar, depois os amigos e o computador em seus vários usos, desde jogar e pesquisar na internet até conversar com amigos através de programas específicos como o MSN. Em seu tempo livre, esses jovens preferem ver televisão e ler literatura. O esporte aparece apenas como atividade extraclasse. A vida familiar desses jovens é bastante significativa, e os pais participam consideravelmente da vida escolar dos filhos.

Em relação à interferência da disciplina de ELA no aprendizado sobre a América Latina, 51 alunos afirmaram que ela foi um dos meios que mais contribuiu para o aprendizado sobre a história da América Latina. No entanto, o peso de outros meios como viagens, internet e documentários é superior. Resta investigar se a interferência desses meios não se deu exatamente pelas demandas da disciplina; 28 alunos afirmaram que ao estudar a história da América Latina estão estudando sobre sua própria história, e, quando questionados sobre a participação da disciplina para pensar a situação da América Latina na atualidade, 33 alunos informaram que a disciplina contribuiu para esse aspecto; 26 alunos informaram que o que mais gostaram de estudar na disciplina foi a cultura dos povos distantes, e 29 alunos indicaram que alguma coisa mudou em seu cotidiano com o estudo da disciplina: 16 deles passaram a se interessar mais pelas notícias veiculadas nos meios de comunicação sobre a América Latina, 12 passaram a conversar sobre a América Latina com seus amigos e familiares e 12 passaram a ver mais filmes relacionados à América Latina.

NARRATIVAS E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA LATINO-AMERICANA

Ao final do ano letivo de 2009, foi proposta aos alunos da disciplina de ELA a realização de uma tarefa individual e por escrito, que estimulasse a imaginação para a produção de narrativas históricas. O objetivo era observar de que forma os alunos da disciplina relacionam passado, presente e futuro da América Latina e como essa relação orienta as ações desses indivíduos nas

tomadas de decisão em face dos problemas da sociedade no presente. A tarefa se intitulava “Cápsula do tempo: mensagens para o futuro” e propunha:

Quando somos jovens, fazemos coisas que ficam guardadas para sempre na memória. Em alguns casos é comum pegar objetos – como algum bonequinho velho, moedas de pouco valor, botões de camisa ou recortes de jornal – fechá-los dentro de alguma lata e enterrá-los no quintal. Uma espécie de “cápsula do tempo” que algum dia no futuro será aberta por alguém que não viveu naquela época.

No dia 21 de junho deste ano várias crianças da cidade de Campos, no Rio de Janeiro, depositaram suas histórias, seus sonhos e seus desejos para o futuro dentro de uma cápsula do tempo que só será aberta no dia 5 de setembro de 2017. Esse evento também aconteceu em outros três países e foi organizado pela equipe do Clube de Astronomia Louis Cruls em parceria com a Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima.

Imagine que você, por ser aluno da disciplina de Estudos Latino-Americanos no CA, foi escolhido(a) para participar de um projeto semelhante com a tarefa de elaborar um documento contando a história da América Latina até os dias atuais para ser guardado numa cápsula do tempo que será reaberta somente daqui a 50 anos. Como você contaria a história da América Latina? Como você descreveria a América Latina no presente? O que você espera para o seu futuro e para o futuro da América Latina nos próximos 50 anos?

O conteúdo das narrativas produzidas, concebidas como manifestações da consciência histórica, foi analisado com base na adesão à proposta da atividade (relacionar passado, presente e futuro da América Latina), nas questões de significância, nas perspectivas de futuro e nos quatro eixos constituintes de sentido narrativo, elaborados por Jörn Rüsen (2001, p.155), a saber: a percepção, a interpretação, a orientação e a motivação, que juntos articulam a orientação para a vida prática nas tomadas de decisão em face dos problemas da sociedade no presente.

Nas narrativas analisadas os elementos mais frequentes foram:

- a) A ocupação europeia violenta e aculturação da população nativa – 35 alunos: “O passado da América foi triste pois seu povo foi massacrado em cima pelos espanhóis e embaixo pelos portugueses. Essa colonização brutal deixou marcas até hoje no presente”.
- b) Os nomes de povos pré-colombianos – 31 alunos: “Em relação aos povos

- podemos destacar os povos Maias, Astecas, Olmecas e Incas, que foram grandes civilizações da América Latina”.
- c) América Latina é subdesenvolvida ou está em desenvolvimento – 19 alunos: “Agora, no presente, a América Latina é um lugar que a maioria de seus países estão em desenvolvimento, crescendo mundialmente”.
 - d) A profecia Maia sobre o fim do mundo – 13 alunos: “mas os maias preveram que alguma ruim vai acontecer em 21 de dezembro de 2012 então não sei o que esperar do futuro”.
 - e) A tecnologia – 10 alunos: “agora com o avanço da tecnologia tudo melhorou e no futuro vai ficar melhor ainda”.
 - f) A história da América Latina teria começado com a chegada dos europeus – 8 alunos: “A América-latina começou com a chegada dos Europeus. Grande parte da América Latina quase por inteira foi colonizada pelos Espanhóis, México, Peru, Argentina, Uruguai, Paraguai, Colômbia e entre outros. Por Portugal somente o Brasil foi colonizado, outros países que foram colonizados por Europeus foram as Guianas, foram colonizadas pelos franceses”.
 - g) A chegada do homem à América pelo Estreito de Bering – 6 alunos: “Os antigos povos que habitavam a África eram nômades e foram na direção norte e, durante a Era do Gelo, eles atravessaram o Estreito de Bering e foram para a América do Norte. Eles foram para o sul até chegar na América Latina e lá existiam muitos povos”.
 - h) esmatamento/Poluição – 5 alunos: “Acredito que a AL vai ser um dos países desenvolvidos o mundo, porém não acho que vai ser o paraíso, pois se a poluição, o aquecimento global, e os erros que a sociedade comete continuarem e não mudarem, acredito que boa parte da AL será tomada pela água”.

Essas questões indicam que de alguma forma a disciplina de ELA interferiu no conhecimento desses alunos sobre a América Latina, pois os elementos mais frequentes nessas narrativas estão diretamente relacionados aos conteúdos ministrados durante o ano letivo de 2009. Cabe destacar que nas últimas semanas anteriores à aplicação do instrumento os alunos estudaram a chegada dos europeus na América Latina na disciplina de ELA. Ou seja, a questão de maior significância entre as narrativas produzidas fez referência direta ao último conteúdo estudado.

Para esses alunos, o processo de colonização da América Latina foi extremamente violento e deixou marcas perceptíveis no presente, seja pela atual situação dos povos indígenas, seja para justificar o subdesenvolvimento do continente. No entanto, afora a real brutalidade desse processo, essas narrati-

vas evidenciam uma visão vitimizada da história da América Latina. Esse olhar que faz dos latino-americanos eternas vítimas de um mundo hostil e tira-lhes a responsabilidade sobre sua história traz implicações negativas para o horizonte de expectativas e possibilidades de ação desses jovens. Isso mostra que permanece um desafio para a disciplina a ressignificação desse olhar sobre o continente. Além disso, para oito alunos a história da América Latina ainda começa com a chegada dos europeus.

As questões referentes à tecnologia, ao desmatamento e à poluição estão presentes de forma significativa nas narrativas. Em muitos casos, a relação entre esses elementos é contraditória, pois enquanto para uns o desenvolvimento tecnológico garante um futuro melhor, para outros agrava os problemas com a poluição e o desmatamento. Isso evidencia um dos aspectos fundamentais desta pesquisa: a produção de narrativas está permeada de contradições, e cabe ao pesquisador atento observar a relação entre o que muda e o que permanece quando uma mesma questão é posta de forma diferente.

Também é recorrente entre muitos alunos a ideia de que a América Latina é subdesenvolvida ou está em desenvolvimento. Essa ideia pode estar articulada ao lugar que ocupam os países latino-americanos na economia mundial, já que é comum pensar que o mundo está dividido em países desenvolvidos e países subdesenvolvidos. Os países em desenvolvimento seriam as antigas colônias e países dependentes, que têm um desenvolvimento econômico pequeno em comparação com os países altamente industrializados. No entanto, quais países podem ser considerados desenvolvidos atualmente? Quais são os critérios que determinam se um país ou continente está em uma ou em outra categoria?

Retornando às categorias de Rüsen, no que se refere às manifestações da consciência histórica e ao sentido temporal de orientação no tempo, 34 alunos apresentaram em suas narrativas a percepção de mudança no tempo:

praticamente todos os dias estão ocorrendo mudanças aqui, de todas as maneiras, assim eu acho que daqui um tempo as coisas vão ser bem diferentes. Um exemplo disso, é os maias, astecas, incas, etc. nas suas épocas as coisas eram muito diferentes do que são hoje, e eu acho que as mudanças vão continuar acontecendo.

No entanto, na maioria dos casos essa percepção da mudança está num sentido positivo, com a crença no progresso. Esse dado também foi observado por Schmidt e Barca,¹² ao analisarem as narrativas históricas de jovens brasileiros e portugueses sobre a história contemporânea de seus países.

A ideia de progresso remete a um processo gradativo de transformação, de um tempo linear, que vai de um estágio pior para um melhor, em que tudo que vem depois é melhor do que já aconteceu. Essa ideia tem como base a capacidade do homem e da humanidade de resolver os problemas materiais que são colocados pela natureza ou pela própria vida em comum, melhorando-a, tornando-a mais perfeita. Mas será que podemos afirmar que o futuro será melhor que o passado ou o presente? Será que os avanços científicos e tecnológicos garantem melhores condições de vida para a população?

Sobre o entendimento do passado como interpretação, no CA da UFSC 41 alunos trouxeram esse elemento em suas narrativas:

A América Latina teve uma colonização muito difícil, pois teve varios colonizadores, mortes dos indigenas, muita escravidao. Mas apesar disso teve uma consêquencia importante e muito boa, a cultura. Esse cultura que até hoje está até hoje presente no nosso dia-a-dia.

Para além do fato de que a interpretação é própria do ato de narrar, Rüsen (1992, p.30) aponta que a habilidade de interpretação está em perceber diferenças entre passado, presente e futuro através da concepção de um todo temporal. Nos termos desta pesquisa, a categoria ‘interpretação’ foi concebida como a capacidade de traduzir experiências do passado da América Latina para a compreensão da realidade presente. Como mais da metade dos alunos que participaram da pesquisa recorreram a elementos do passado para explicar a atual situação da continente latino-americano, é possível afirmar que o estudo da história da América Latina na disciplina de ELA ajuda a compreender a situação do continente na atualidade. Esse dado também apareceu no *survey*, quando 33 alunos informaram que a disciplina de ELA ajudou a pensar sobre a situação da América Latina no presente.

A leitura atenta das narrativas produzidas por esses alunos deixa claro que eles literalmente interpretam a história do continente latino-americano e mediante a articulação narrativa conferem um sentido próprio a essa história, que por isso mesmo pode variar tanto na forma quanto no conteúdo.

Já sobre a mobilização do passado na orientação da vida prática, apenas sete alunos apresentaram indícios dessa possibilidade em suas narrativas: “Hoje em dia ainda há estudos sobre estes antigos povos que influenciam as nossas vidas até hoje, como a astronomia maia que resultam hoje em coisas como calendários”.

De acordo com Rüsen (1992, p.30), a mobilização do passado na orienta-

ção da vida prática supõe a capacidade de utilizar o todo temporal, com seu conteúdo de experiência, para os propósitos de orientação da vida cotidiana. Segundo o autor, isso implica guiar a ação por meio das noções de mudança temporal, articulando a identidade humana com o conhecimento histórico. Nesse aspecto poucos alunos apresentaram em suas narrativas elementos que permitam entender de que forma eles articulam o conhecimento sobre o passado com a sua vida prática. Essa, sem dúvida, é uma tarefa extremamente difícil, inclusive para historiadores e professores de História. Como aproximar o conhecimento histórico da realidade dos jovens? A grande dificuldade talvez resida em relacionar aspectos do cotidiano atual com o estudo de acontecimentos de nível macro distantes no tempo em muitos séculos. Como, por exemplo, relacionar a rotina diária de um adolescente de 13 anos, que passa grande parte do seu dia ouvindo música e em frente ao computador, com o processo de colonização da América Latina? A tarefa é difícil, mas não impossível. Ela é, antes de tudo, necessária, pois é condição básica para que o jovem se reconheça como sujeito histórico, capaz de transformar a realidade em que vive.

O *survey* mostrou que 29 alunos indicaram que alguma coisa mudou em seu cotidiano com o estudo da história da América Latina na disciplina de ELA, seja na conversa com os amigos, na leitura de revistas ou no interesse por notícias veiculadas nos meios de comunicação. Ainda que essas mudanças possam ter sido motivadas pelas demandas da própria disciplina, isso significa que de alguma forma o conhecimento histórico sobre a América Latina tem orientado a vida prática desses alunos. Contudo, nenhuma das narrativas analisadas indicou que essa orientação motiva a ação. Isso pode estar relacionado à idade desses alunos (média de 13,65 anos), já que vários estudos comprovaram que o desenvolvimento da consciência histórica está relacionado ao desenvolvimento intelectual e cognitivo, ao grau de percepção da autonomia desses indivíduos e ao comodismo e à inércia que muitos acreditam caracterizar a situação da juventude na atualidade.

Faz-se corrente nos meios de comunicação e no senso comum o discurso que caracteriza a juventude atual como alienada, individualista, imediatista, consumista e irresponsável, que nada respeita e não tem limites. Afirma-se também que essa juventude não se interessa por política, não respeita ninguém e não tem ideais. Parece até que todos os jovens das gerações anteriores eram engajados na luta por liberdade e justiça. Mas a juventude de hoje é tão apática quanto sempre foi. Há jovens alienados agora, assim como havia antes. O exagero na afirmação da ‘apatia juvenil’ do século XXI esconde que a crise da

participação cidadã é um fenômeno social ampliado que atinge todas as faixas etárias da população, e que em todos os lugares e idades há dificuldades para se encontrar meios de ação para a resolução dos problemas coletivos.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) em 2005, intitulada “Juventude brasileira e democracia – participação, esferas e políticas públicas”,¹³ revelou que na atualidade existem muitos jovens críticos e propositivos, tentando se inserir e buscando caminhos para isso. De acordo com a coordenadora adjunta da pesquisa, Anna Luiza Salles Souto, a sociedade de maneira geral não consegue perceber a juventude para além do estereótipo da apatia e da inércia. Segundo a pesquisadora, ao mesmo tempo em que há pouca participação juvenil em espaços políticos formais, nota-se a presença de jovens em outros tipos de ações coletivas que contribuem para a constituição de espaços públicos juvenilizados em torno de diferentes experiências sociais participativas.

Por tudo isso, acredita-se que o argumento da apatia juvenil não é suficiente para justificar a ausência de mobilização de atitudes em face dos problemas da sociedade no presente nas narrativas históricas produzidas pelos alunos do CA. Defende-se aqui que como os outros três elementos constitutivos do sentido para a formação de uma consciência histórica latino-americana estão presentes nessas narrativas, essa ausência pode estar relacionada à idade dos alunos e ao seu nível de desenvolvimento intelectual e cognitivo. Não obstante, é preciso considerar que em geral o sistema escolar não favorece o desenvolvimento de posturas autônomas diante da realidade presente. Será que esses jovens se dão conta de que podem interferir na realidade em que vivem? A autonomia, entendida aqui como a capacidade de uma pessoa ou uma comunidade tomar as decisões que a afetam construindo suas próprias regras, é essencial para a orientação de ações em face dos problemas da sociedade no presente. Mas um indivíduo só se torna autônomo se pouco a pouco tiver a oportunidade de tomar as decisões que o afetam. Faz-se, então, necessário investigar se existe lugar para a autonomia nos espaços que esses jovens ocupam dentro e fora da escola.

Em relação às perspectivas de futuro, para 27 alunos o futuro será melhor que o presente: “No futuro eu acredito que a América Latina vai ter crescido economicamente e que será um local com muitos países desenvolvidos, terá muita tecnologia”.

Mas para 41 alunos ele será pior do que o presente: “Acho que no futuro já vai ser bem desenvolvido com varios tipos de tecnologia, mas vai ficar muito perigoso, e não sei onde isso vai parar a população vai cresce e diminuir com

tantas mortes e não vai ter muitos empregos”. Para 20 alunos o futuro já está fechado: “Por que os povos do futuro vão ser concerteza, do jeito que a tecnologia está evoluindo, ser bem mais desenvolvidos materialmente que nós, tudo que temos de tecnologia agora eles vão ter melhor e mais que ainda vão inventar”, mas para 32 alunos ele está em construção: “O futuro está sendo formado pelas decisões das pessoas, se a poluição e o desmatamento continuarem o futuro será horrível, mas se pararem irá melhorar”.

O pessimismo em relação ao futuro – envolvendo tanto a profecia maia quanto as catástrofes climáticas, por conta do desmatamento e da poluição, ou o aumento da violência e do desemprego – configura um cenário assustador em relação ao futuro da América Latina. Esse dado também apareceu nas pesquisas desenvolvidas por Ferreira, Pacievitch e Cerri,¹⁴ utilizando o *survey* intercultural entre jovens brasileiros, argentinos e uruguaios.

A presença desse elemento nas narrativas dos alunos do CA pode estar relacionada ao discurso catastrófico dos meios de comunicação de massa sobre os danos irreversíveis causados ao meio ambiente. Porém, se o futuro é construído pelas escolhas feitas no presente, o que esses jovens estão fazendo para reverter tal quadro? Qual o seu papel como sujeitos desse processo?

A ausência do fator de mobilização nas narrativas desses jovens limita as possibilidades de transformação da realidade latino-americana. Contudo, cabe destacar que o caminho para a formação de uma consciência histórica latino-americana articulada com a mobilização de atitudes já começou a ser percorrido. Três dos quatro eixos constitutivos do sentido histórico já podem ser encontrados nas narrativas elaboradas por esses alunos em 2009, e isso está diretamente relacionado ao ensino da história da América Latina na disciplina de ELA.

REFLEXÕES FINAIS

As narrativas históricas produzidas pelos alunos sobre a inter-relação passado-presente-futuro pelos alunos que participaram da pesquisa indicam a interferência da disciplina de ELA no aprendizado da história da América Latina, pois os elementos mais frequentes nas narrativas produzidas estão diretamente relacionados aos conteúdos ministrados durante o ano letivo de 2009. Esses elementos contribuíram de forma essencial para o desenvolvimento de uma consciência histórica latino-americana, articulada com a orientação da vida prática.

Além disso, como mais de 70% dos 67 alunos que participaram da pes-

quiza identificaram características culturais e históricas das sociedades pré e pós-colombianas, reconhecendo as contribuições das sociedades indígenas para o conhecimento e o acúmulo da experiência cultural e humana, pode-se afirmar que a disciplina cumpriu as suas finalidades. Esses alunos também demonstraram ser capazes de identificar as semelhanças e as diferenças existentes nas culturas e sociedades latino-americanas e de comparar os processos de ocupação territorial e colonial nessas sociedades.

Já em relação à formação de uma consciência histórica latino-americana, mesmo que a maioria dos alunos tenha apresentado em suas narrativas a percepção de mudança no tempo e as noções de passado como interpretação e orientador do presente, essas ideias parecem ainda não motivar as ações desses jovens em face dos problemas da América Latina no presente. Essa ausência de motivação na elaboração de narrativas pode estar relacionada tanto à idade dos alunos e ao seu nível de desenvolvimento intelectual e cognitivo, quanto ao grau de percepção da autonomia desses indivíduos.

De acordo com Rüsen (1992, p.34), o aprendizado da História é um processo de digestão de experiências de tempo em formas narrativas. Segundo o autor, esse aprendizado envolve a aquisição de habilidades para experimentar o tempo passado, interpretá-lo na forma de história e utilizá-lo para um propósito prático na vida. Para completar efetivamente esse processo é preciso tempo. Por isso, reforça-se aqui a importância de dar continuidade a esse processo nas séries seguintes, especialmente na disciplina de ELA, de modo a estimular as ações desses indivíduos na tomada de decisões em face dos problemas da América Latina no presente.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As narrativas históricas produzidas pelos jovens que participaram desta pesquisa evidenciaram a contribuição dos conteúdos latino-americanos na grade curricular de ensino para a formação histórica dos sujeitos na escola, tendo em vista que esses saberes são fundamentais na formação identitária dos jovens no mundo atual. No entanto, considera-se que a produção de saberes históricos escolares deve ser confrontada com o consumo dos artefatos da cultura contemporânea dos jovens, como filmes, programas televisivos, leituras, músicas, revistas, internet e outros, manifestos no vocabulário e no comportamento desses sujeitos dentro e fora das salas de aulas de História.

Os resultados desta pesquisa empírica não são generalizáveis. A seleção da amostra foi intencional e não probabilística, envolvendo jovens com um

padrão de vida que pode ser considerado alto em relação aos demais jovens que frequentam o ensino público brasileiro, e que têm acesso a uma disciplina inédita no Brasil em seu currículo obrigatório, a disciplina de Estudos Latino-Americanos. Por isso, estes dados devem ser confrontados com outras pesquisas que envolvam jovens com características socioeconômicas diferentes e que não tenham acesso a essa disciplina. Isso já começou a ser feito em Santa Catarina pelos pesquisadores que integram o Projeto “A Escola e os jovens e crianças no mundo contemporâneo: processos de formação histórica latino-americana”, integrado ao Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Ensino de História da UFSC e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (Fapesc). Os resultados serão apresentados em novembro de 2011.

Os dados obtidos com esta pesquisa – atividades, questionários e narrativas – estão arquivados no Acervo de Memória Educacional (AME) do CA da UFSC. As informações obtidas são consideradas sigilosas e deverão ser utilizadas exclusivamente em pesquisas acadêmicas, sem a identificação dos participantes.

NOTAS

¹ A noção de ‘juventude’ é tomada aqui a partir das colocações presentes em: SOUSA, Janice Tirelli Ponte de; DURAND, Olga Celestina. Experiências educativas da juventude: entre a escola e os grupos culturais. *Perspectiva*, Florianópolis, v.20, n. especial, jul.-dez. 2002. Segundo as autoras, além de transição de uma condição etária para outra, a juventude pode ser caracterizada como elo de um tempo a outro – entre passado, presente e futuro –, sugerido através de seus papéis sociais, cujo sentido cabe desenhar e dos quais depende a própria sociedade. Esse elo o jovem estabelece não só com ele mesmo, traçando sua biografia, mas também com a própria sociedade.

² RÜSEN, Jörn. El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico: una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. Trad. Silvia Finocchio. *Propuesta Educativa*, Buenos Aires, n.7, out. 1992.

³ RÜSEN, Jörn. *Razão histórica*. Teoria da História I: Os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Ed. UnB, 2001.

⁴ Destacam-se aqui as contribuições de pesquisas realizadas por Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt e Tânia Maria F. Braga Garcia, Luis Fernando Cerri e Gonzalo de Amézola, Daniel Hortêncio de Medeiros, Ronaldo Cardoso Alves, Marizete Lucini, Sandra Regina Ferreira Oliveira e Marizete Lucini, Marlene Cainelli, Olinda Evangelista e Jocemara Triches, Marcos Roberto Kusnick e Juliana Pirola da Conceição, no Brasil, de Peter Lee,

no Reino Unido, de Rosalyn Ashby, no Canadá, de Isabel Barca e Marília Gago, em Portugal, e de Rodrigo Henríquez Vásquez, na Espanha.

⁵ A proposta integra um projeto nacional intitulado “Peabiru: Ensino de História e Cultura Contemporânea”, sob a coordenação da professora doutora Ernesta Zamboni (Unicamp). Trata-se de um projeto interinstitucional, envolvendo pesquisadores de sete universidades brasileiras e uma argentina – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (Flacso).

⁶ CONCEIÇÃO, Juliana Pirola da. *Ensino de História e consciência histórica latino-americana no Colégio de Aplicação da UFSC*. 171f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

⁷ DIAS, Maria de Fátima Sabino. *A invenção da América na cultura escolar no Brasil*. 1997. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas (SP), 1997.

⁸ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História da América: reflexões sobre problemas de identidades. *Revista Eletrônica da Anphlac*, v.4, 2005. Disponível em: www.anphlac.org/periodicos/revista/revista4/circe.pdf

⁹ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: história*. Brasília, 1998, p.58, 60 e 70.

¹⁰ SOUZA, Ivonete. Estudos Latino-Americanos: a criação e a inclusão de uma nova disciplina escolar no Ensino Fundamental e Médio do Brasil. In: DIAS, Maria de Fátima Sabino (Org.). *História da América: ensino, poder e identidade*. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2004.

¹¹ De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a renda média da população brasileira era de R\$ 1.345,18 em 2008.

¹² SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; BARCA, Isabel. Consciência histórica: um diálogo entre países. In: ENCONTRO NACIONAL PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA, 7, 2009, Uberlândia (MG). *Anais...* Uberlândia: s.n., 2009.

¹³ INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS. *Juventude brasileira e democracia – participação, esferas e políticas públicas*: Relatório final – nov. 2005. São Paulo: Ibase; Pólis, 2005.

¹⁴ FERREIRA, Angela Ribeiro; PACIEVITCH, Caroline; CERRI, Luis Fernando. Jovens brasileiros, argentinos e uruguaios na constituição de identidades e na tomada de decisões políticas. In: ENCONTRO NACIONAL PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA, 7, 2009, Uberlândia (MG). *Anais...* Uberlândia, 2009.

Artigo recebido em 15 de outubro de 2010. Aprovado em 18 de fevereiro de 2011.